

KRACAUER COMO ETNÓLOGO DAS CIDADES: O CASO *RUAS EM BERLIM E EM OUTROS LUGARES*.¹

Fábio Raddi UCHÔA*

Resumo: Entre os anos 1925 e 1933, Siegfried Kracauer publicou uma série de artigos a respeito da cidade no jornal alemão *Frankfurter Zeitung*. Os mesmos foram reunidos no livro *Ruas em Berlim e em outros lugares*, editado em 1963. O trabalho desenvolvido por este filósofo e sociólogo alemão foram definidos por Gerard Raulet como uma etnologia da grande metrópole e, por Philippe Despoix, como a criação de miniaturas urbanas. Ao abordar a Berlim das décadas de 1920-30, Kracauer lança mão de uma escrita que oscila entre a descrição física e a criação de rupturas, com o uso de metáforas e ambientes oníricos. O objetivo deste artigo é examinar os recursos literários utilizados por Kracauer, contextualizando-os em relação aos escritos Walter Benjamin e Ernst Bloch, realizados durante o mesmo período.

Palavras-Chave: Siegfried Kracauer; Sociologia Urbana; Berlim.

KRACAUER AS AN ETHNOLOGIST OF CITIES: THE CASE OF *STREETS IN BERLIN AND ELSEWHERE*

Abstract: Between the years 1925 and 1933, Siegfried Kracauer published a series of articles about cities in the German newspaper *Frankfurter Zeitung*. They were published in the book *Streets in Berlin and Elsewhere* in 1963. The work of this German philosopher and sociologist was defined by Gerard Raulet as an ethnology of the great metropolis, and Philippe Despoix called the same work a creation of urban miniatures. To describe the Berlin of the 20s and 30s, Kracauer makes use of a writing style that ranges from real physical descriptions to the creation of ruptures with the use of metaphors and dreamy atmospheres. The aim of this paper is to examine the literary devices used by Kracauer, contextualizing them in relation to the writings of Walter Benjamin and Ernst Bloch, made during the same period.

* Professor convidado - Curso de Cinema e TV (CINETV/PR) da Faculdade de Artes do Paraná - Rua dos Funcionários 1357, Cabral - Curitiba/PR - Brasil. CEP 80035-050. Doutorando – Programa de Ciências da Comunicação - Escola de Comunicações e Artes da USP. A pesquisa que resultou neste artigo contou com financiamento do CNPQ. E-mail: fabiouchoa@bol.com.br.

Keywords: Siegfried Kracauer; urban sociology; Berlin.

Além de filósofo e sociólogo, Kracauer era arquiteto. Tal formação, fundamentada também pelo marxismo, certamente apurou o seu olhar sobre a cidade, permitindo-lhe a identificação formas de construção, tendências arquitetônicas e a existência de diferentes embates sociais, em jogo em um mesmo espaço urbano. Nos escritos de Kracauer, chama a atenção a abordagem da metrópole moderna, com a sistematização de uma escrita que leva em conta a experiência do narrador frente ao espaço urbano.

Como se sabe, o interesse de Kracauer pela cidade está presente em diversos de seus livros. *Jacques Offenbach e a Paris de seu tempo*², por exemplo, baseia-se na idéia de pensar uma sociedade a partir do espaço por ela produzido. Assim, a sociedade francesa do Segundo Império é pensada não só a partir da biografia de Jacques Ofenbach, um músico, mas também por meio das modificações urbanas experimentadas por Paris. Neste sentido, a construção primordial para pensar a sociedade francesa da época é o Boulevard, sua configuração física e as pessoas que o freqüentam.

Nossa atenção, entretanto, recairá sobre outro livro do filósofo alemão. *Ruas em Berlim e em outros lugares*³ é um conjunto de artigos sobre a cidade, publicados por Kracauer no jornal alemão *Frankfurter Zeitung*, entre os anos de 1925 e 1933. Embora resulte de um projeto anterior denominado *Strassenbuch*, abortado em 1933 por causa da ascensão do nazismo e do exílio de Kracauer em Paris, a coletânea foi publicada em 1964.

Em termos de uma contextualização histórico-literária, tais textos devem ser pensados em consonância com os trabalhos de Walter Benjamin e Ernst Bloch escritos na passagem da década de 1920 para a década de 1930. A partir dos apontamentos feitos por Machado⁴, é possível desvendar semelhanças entre os projetos literários e políticos destes três escritores e críticos materialistas, sem deixar de lado as peculiaridades próprias a cada um. Em 1928, Benjamin publica *Rua de Mão única*⁵, um conjunto de aforismos radicais que descrevem a cidade de Berlim a partir do recurso à “montagem literária”. Trata-se de um momento decisivo da trajetória de Walter Benjamin; livro este no qual já estava esboçado o projeto das *Passagens*⁶, principalmente quanto ao método expositivo. No livro das passagens, Benjamin aplica a montagem literária ao século XIX, pensando a Paris do Segundo Império como a

forma originária da modernidade. Em *Rua de Mão Única*, a mesma técnica é aplicada de forma experimental, para pensar o presente. O livro une uma multiplicidade de formas de texto, bem como citações de várias procedências e diferentes modos de fala, utensílios, classes sociais, regiões urbanas e cidades, como Paris, Berlim, Marselha e Moscou. Estão ali unidas as lembranças de infância e a gravidade do presente. Num contexto de aumento da inflação e decadência da burguesia alemã, Benjamin realiza uma descrição crítica de uma situação de decomposição social, onde desapareciam os vínculos entre os indivíduos. Como sugerido por Machado⁷ a partir das palavras de Ernst Bloch, *Rua de Mão Única* pretende despertar o mundo de seu sonho, com seus aforismos radicais, mostrando a estrutura descontínua do mundo, anunciando o fim da era burguesa. O recurso à montagem literária já tinha, para Benjamin, um significado explosivo, senão literário.

No mesmo contexto, em 1930, Ernst Bloch publica *Vestígios*⁸. Trata-se de uma narrativa de narrativas; um conglomerado de contos de fadas, fábulas, lendas, provérbios, conversas e citações. Associado a tais narrativas, provenientes de diversas origens, identifica-se uma tentativa de captar os elementos anticapitalistas, ou utópicos, em um ambiente pré-moderno e não-contemporâneo. Como indicado pelo próprio autor na introdução do livro, seu propósito é um “pensar fabulando”, constituído por uma coleção de dejetos/vestígios, de coisas passadas em lugares diferentes, cuja narrativa suscita choques ao leitor.

De acordo com Machado⁹, é possível encontrar diversos pontos de contatos entre os referidos escritos de Kracauer, Benjamin e Bloch. Entre eles podemos destacar: a idéia de uma crítica materialista, que lança luz aos dejetos e descontinuidades do presente histórico; a recusa de um sistema filosófico tradicional, levando a uma escrita que se expressa mais por meio de imagens do que por meio de conceitos; o trabalho micrológico; o uso da montagem; o choque; além da inspiração no surrealismo. Tais autores também compartilham a inspiração na literatura de folhetim, no romance de Kolportage, em uma literatura relacionada ao comércio ambulante de livros: obras de pequeno formato, vendidas por ambulantes. Entre os séculos XVI e XIX, o Kolportage tornou-se um importante repertório da cultura popular, contribuindo para a transmissão de lendas de cavalaria, mitos e provérbios. Segundo Machado, Kracauer, Benjamin e Bloch inspiram-se neste tipo de literatura: “Em Bloch, o Kolportage serve como fonte das narrativas, em Benjamin, para mostrar o caráter descontínuo do mundo, em Kracauer, como forma de articular uma análise que é ao mesmo tempo uma realidade em construção.”¹⁰

No livro *Ruas em Berlim e em outros lugares*, há uma sistematização da escrita a respeito da cidade. As mudanças imprimidas pela modernidade são pensadas a partir da descrição da superfície de Berlim, Paris, Marselha e de outras cidades do mediterrâneo. A reunião dos diferentes artigos assume um aspecto fragmentado, próximo aquele dos aforismos de Benjamin ou de Ernst Bloch. São relatos de viagens por cidades da Europa que demonstram uma aguçada capacidade de descrição, atenta à arquitetura, às paisagens, às pessoas, aos objetos e aos movimentos da cidade. Em outras palavras, trata-se de um olhar atento a tudo o que permita mapear a sensibilidade dos habitantes da cidade e, também, as condições de experiência e de conhecimento gerados no bojo da grande cidade moderna.

O livro possui quatro seções, que correspondem a diferentes níveis de aproximação em relação ao universo urbano. Provavelmente, tais seções foram sugeridas durante a formatação do livro para publicação. Possuem a seguinte denominação: Ruas, Lugares, Coisas e Pessoas. Nessa abordagem, serão enfatizados principalmente os textos reunidos na primeira dessas seções. Sob a denominação “Ruas”, estão reunidos textos que buscam apreender as cidades a partir de um enfoque mais amplo. Em alguns de tais textos, busca-se apreender as cidades em sua totalidade, resumindo seus traços principais, transformando-as em mapas, indicando os conflitos e relações existentes entre as diferentes regiões urbanas. Outros destes textos narram experiências realizadas junto a regiões determinadas das cidades, resultantes do deslocamento do narrador por bairros, ruas, praças ou passagens. Em dois dos textos finais, são tematizados espaços ou eventos, relacionados à diversão/dispersão das massas urbanas: o trajeto de uma locomotiva, a experiência em uma montanha-russa, a desordem das luzes noturnas de Berlim vistas pela janela de um trem. Esses três tipos de texto (aqueles que apreendem a cidade em sua totalidade; aqueles que abordam regiões específicas das cidades; aqueles que tematizam a diversão/dispersão das massas) esbarram em um tema central: Berlim enquanto um espaço urbano em constante reformulação, as configurações assumidas por tal espaço em decorrência da indústria da diversão e, sobretudo, os reflexos de tais mudanças sobre a experiência dos habitantes. Em oposição a Berlim, Paris e cidades do litoral mediterrâneo apresentam menos modificações urbanas; nelas é possível algum tipo de memória.

O tipo de escrita sistematizado por Kracauer em tais textos foi denominado de diferentes formas por diferentes autores. Gérard Raulet¹¹, por exemplo, o aproxima de uma etnologia da grande cidade, feita por uma espécie de *flaneur*. Este último luta

contra a dispersão, característica da cidade moderna, utilizando-se das agressões de tal cidade para a composição de relatos de viagem. A partir da descrição da arquitetura berlinense da época, consegue captar da transformação das condições da experiência. Philippe Despoix¹² pensa em tal escrita a partir da idéia de “miniatura urbana”. Trata-se de uma narrativa bastante pessoal, fundindo poesia em prosa e ensaio sociológico, recaindo sobre apenas um dos aspectos da vida na rua. Possibilita assim captar os fenômenos em sua singularidade efêmera. Há ainda a idéia de “ensaio sociológico”, explorada por Carlos Eduardo Machado¹³. Trata-se da escrita de um realista curioso, uma forma limite entre a Literatura e a Sociologia.

O objetivo deste texto é destacar um aspecto específico de tal escrita. Trata-se de um artifício literário utilizado para criar rupturas, oscilando entre uma descrição objetiva do espaço e uma descrição onírica. Tal técnica foi descrita por Henrik Reeh a partir da idéia de um “idioma arquitetural, protegido em relação à esfera privada, onde espaço e sonho aproximam-se (...)”. Um idioma no qual “o elemento construtivo utópico é de central importância.”¹⁴

Ao abordar os diferentes elementos urbanos, a escrita de Kracauer oscila entre uma descrição objetiva e, de forma impressionante, uma criação de ambientes oníricos a partir dos respectivos traços físicos. Ou seja, a descrição física é o ponto de partida para operações posteriores, mais abstratas e pautadas por um ambiente onírico. Elas envolvem metáforas, caricaturas e a criação de figuras. No livro *Ruas em Berlim e em outros lugares* estas oscilações podem ser pensadas como rupturas, próximas àquelas propiciadas pelas “imagens dialéticas” de Walter Benjamin, ou por uma escrita feita entre o sonho e a vigília, tematizada por Benjamin, a partir de Marcel Proust, no texto *A imagem de Proust*. No livro de Kracauer, porém, tais rupturas possuem funções específicas, tais como: desvendar contrastes históricos presentes em uma mesma paisagem urbana; realçar movimentos ou impressões próprios ao homem moderno, inserido no mundo das mercadorias; desvendar lógicas ou regras de comportamento social próprio a determinados extratos sociais – caso dos desempregados.

Em *Ruas em Berlim e em outros lugares*, existem momentos nos quais Kracauer coloca em prática tal tipo de escrita. Em “Visto pela janela”¹⁵, são diferenciados dois tipos de cidade. As cidades planejadas e aquelas que não resultam de uma intenção determinada. Berlim faz parte da segunda categoria de cidades. Para fixar a desordem da cidade alemã por meio da escrita, o sociólogo descreve as

imagens de uma praça, vista pela janela de sua casa. Trata-se, inicialmente, de uma descrição objetiva:

“Situada no meio de um bairro residencial de uma grande cidade, servindo de cruzamento para diversas ruas bastante largas, a pequena praça se furta de tal maneira à atenção do público que quase ninguém conhece seu nome. Este talento fabuloso origina-se possivelmente do fato de que a praça apresenta-se, antes de tudo, como lugar de passagem. Milhares de pessoas atravessam-na diariamente, de ônibus ou de trem. Mas pelo fato de atravessarem sem mesmo levantar os olhos, tais pessoas recusam-se a prestar atenção na praça. [...] Considerando agora a imagem da cidade cujo ponto de partida é esta pequena praça, trata-se de um especo extraordinariamente vasto, que preenche uma rede férrea repleta de trilhos. Eles chegam da direção da Estação de Charlottenburg, passando por trás de uma gigantesca muralha de imóveis; avançam de forma frontal, em grupos, e finalmente desaparecem por trás das casas de tamanho médio.”¹⁶

De súbito, a mesma assume tonalidades lúdicas. O tecido da cidade é então pensado como uma maquete, utilizada por um menino invisível para realizar suas experiências. As brincadeiras deste menino são descritas em detalhes. Existem automóveis, postes de sinalização, metrô, estações de trem e ferrovias. Os movimentos dos carros e trens ganham destaque, dando a idéia de uma maquete que possui um movimento frenético e ininterrupto:

“Trata-se de um enxame de brilhantes linhas paralelas, situado suficientemente baixo em relação a minha janela para poder ser abraçado pelo olhar, em toda a sua extensão. Com seus numerosos postes de sinalização, e suas garagens, a superfície nos dá a impressão de uma maquete da qual um menino invisível, ajoelhado, se serviria para fazer experiências. Durante sua brincadeira, deslizando-os com uma velocidade maluca, o menino faz subir e descer os vagões de metrô, dotados de belas cores cintilantes; aqui e ali, ele persegue algumas locomotivas e envia pesados trens expressos em direção a cidades célebres como Varsóvia e Paris [...]. Os trilhos brilham, os sinais levantam-se e abaixam-se alternadamente, a neblina de fumaça persiste por bastante tempo. O menino se debruça com vontade sobre sua obra, cuja perfeição ainda é alcançada graças a uma estrada subterrânea, que emite um murmuro ligeiro. Foi difícil fazê-la passar, de forma tão precisa, por baixo do nível geral do caminho de ferro. Mas era preciso, pois inúmeros carros, cuja velocidade parece ultrapassar aquela dos filmes em velocidade acelerada, passam pelo túnel sem nenhuma dificuldade. Os trens circulam por baixo; em um nível ainda mais baixo, um canal móvel formado pelos automóveis: não há um instante sequer de interrupção de tal fluxo; o repouso da superfície metálica, entretanto, jamais é incomodado. A parte de trás desta última é limitada por uma faixa

clara e estreita de casas, como se fossem a extremidade de uma floresta beirando as proximidades que se enterram no distante. A referida faixa está de tal maneira distante, que é preciso esforço para distinguir as janelas em relação às varandas. Ela é dominada pela torre de rádio que forma um traço vertical, traçado a régua através de um pedaço da céu.”¹⁷

Finalmente, chega a noite. A descrição então se atem às luzes cintilantes da cidade, seus movimentos, suas cores. A cidade está iluminada. Os trilhos, postes e casas desaparecem. “As luzes encontram-se repartidas sobre o espaço, elas esperam imóveis, ou parecendo balançar sobre fios; e bem na minha frente brilha uma ofuscante cor laranja, que permite uma grande garagem ampliar sua fama aos confins.”¹⁸ Uma torre de rádio adquire a forma de uma árvore cintilante, possuindo no topo um cone de luz. Kracauer descreve: “Girando sem cessar, este fogo varre a noite e, quando sopra a tempestade, sobrevoa o alto mar cujas ondas banham o campo e ferrovias.”¹⁹ No final de “Visto pela janela”, o sociólogo alemão conclui enfatizando a sua forma de abordar a cidade:

“Esta paisagem é a desordem de Berlim. Involuntariamente, seus contrastes, sua duração, sua abertura, sua diversidade e sua explosão encontram expressão em tal metrópole que cresce sozinha. O conhecimento das cidades está relacionado ao ato de decifrar suas imagens, tomadas como se estivessem dentro de um sonho.”²⁰

O tipo de descrição feito por Kracauer permite a identificação de transformações urbanas, ou ainda, a permanência de traços do passado. Trata-se o caso, por exemplo, do texto “Adeus à passagem das Tílias”²¹, onde é apresentado o processo de transformação urbana de Berlim²². A referida passagem, situada em uma esquina, entre a Friedrichstrasse e a Behrenstrasse, foi inaugurada em 1871 e reformada em 1928. Sua destruição aconteceu em 1944, devido a um ataque da tropa aliada.²³ Kracauer escreve o texto quando da reforma de 1928; parte de sua descrição física, destacando a velha arquitetura renascentista a partir das deformações da nova estrutura de vidro. Logo entram em jogo as memórias de infância de Kracauer:

“Lembro-me ainda o arrepio que a palavra passagem [*Durchgang*] me provocava no tempo de garoto. Nos livros que devorava na época, a passagem escura era habitualmente o local de assaltos mortíferos testemunhados por marcas de sangue, ou pelo menos o meio ambiente adaptado a existências duvidosas que se colocavam uma ao lado da outra para traçar seus planos sombrios.

Se as fantasias de garoto são um pouco exageradas – algo de significativo que se possa atribuir às passagens coincide também com o que foi a Passagem das Tílias. Não apenas a ela, mas a todas as passagens burguesas.”²⁴

A descrição torna-se mais aguda, no sentido de identificar traços da vida cotidiana burguesa e, também, de uma mitologia da lógica da mercadoria. Tais traços, relacionados à classe burguesa e fundados em um processo de perda da memória, perduravam ainda no momento da destruição da Passagem das Tílias:

“A passagem das Tílias está ainda cheia de lojas cujas vitrines no seu interior são a composição da vida burguesa. Satisfazem, na verdade, todas as necessidades corporais, o desejo por imagens como aparecem num sonho desperto. Ambos, o inteiramente próximo e o inteiramente distante – aludem à esfera pública burguesa que não lhes admite – apreciam serem recebidos no lusco-fusco acolhedor das passagens, onde floresciam como num pântano. Mesmo como passagem, a galeria é também o lugar, mais do que qualquer outro, para a viagem entre o próximo e o distante, do corpo e da imagem reunidos um com o outro.”²⁵

A formulação do tipo de experiência presenciada por um viajante em Paris pode ser encontrada no primeiro texto do livro: “Lembrança de uma rua de Paris”²⁶. Nele, o narrador descreve uma espécie de loucura, que o domina quando se encontra em Paris. A embriaguez das ruas o toma, seduzindo-o a percorrer os bairros da capital. Ele é incapaz de resistir a tal loucura, sente uma sensação de traição quando fica trancado no quarto do hotel durante um tempo maior do que o necessário para dormir. Mesmo quando marca encontros com mulheres, tais atos são tomados por ele como desvios em relação ao dever. Trata-se de um ato de abandono sem razão. Para o viajante, tais ruas o “atraíam com uma força incomparavelmente maior do que qualquer jovem mulher.”²⁷.

As ruas de Paris diferenciam-se daquelas de outras cidades, que são compostas por calçadas, casas e superfícies de asfalto. As ruas da capital francesa são um desafio às análises que tentam dissociá-las em elementos diversos: “Quaisquer que sejam – estreitas gargantas que se jogam no céu, rios cujos cursos secaram, floridos vales de pedras – seus componentes se desenvolveram, mantendo uma relação direta uns com os outros, como se fossem os membros de um ser vivo.”²⁸. Ao andar por esta cidade, cujas calçadas, ruas e casas são comparadas aos tentáculos de um ser vivo, o viajante possui um destino que, entretanto, foi esquecido. Seu desejo é alcançar um lugar, a partir do qual o destino seja novamente lembrado:

“Em tais ruas, eu levava uma vida vagabunda e devia suscitar em cada pedestre a impressão de ser um *flaneur* sem destino. Entretanto, propriamente dizendo, eu não errava sem destino. Eu pensava que tinha um; mas para minha desgraça o havia esquecido. Tinha a impressão de ser um homem que busca em sua memória uma palavra que queima os lábios e que não pode ser encontrada. Tomado pelo desejo de reencontrar enfim o lugar, onde o que eu havia esquecido iria voltar ao espírito, não havia uma única rua com a qual não topasse, andasse em sua direção, mas logo a deixasse para trás.”²⁹

Durante sua caminhada, o viajante se depara com a rua de um bairro proletário. O interesse por espaços habitados por pequenos funcionários e comerciantes é argumentado: em tais locais, as casas se organizam com menos ordem; os odores e fumaças ousam manifestar-se. A primeira descrição da rua é objetiva, atendo-se às fachadas e a um teatro abandonado.

“Essa rua da qual quero falar situa-se em um bairro proletário. Devo lembrar também que era comum perder-me durante tais caminhadas inteiramente ao azar, mas que, sem uma verdadeira razão, eu preferia as partes mais pobres da cidade. [...] Elas estão repletas de antigos objetos, cuja utilidade não mais compreendemos. Encontram-se empilhados uns sobre os outros, assemelhando-se aos caracteres de uma escrita estrangeira cujo significado não conseguimos decifrar. Mas é somente ali, onde moram pequenos funcionários, comerciantes e muitas pessoas idosas que as casas apresentam-se com menos ordem, mais peso e mais densidade; ali, onde os odores e fumaças, cujos contornos sensíveis recortam as formas visíveis, ousam manifestar-se. [...] Descobri a rua de que falo durante o início de uma tarde, acreditando que me aproximava do fundo de um beco, fechado de um lado por um teatro de periferia, um prédio alto e sem forma. O teatro estava fechado e possuía um ar de abandono, como se ali não houvessem mais peças. Antes de percorrer o caminho até o final do beco, percebi que não se tratava de uma rua sem saída; ela se juntava a uma outra rua que passava por trás do teatro. A rua levava ao meio da fachada traseira do edifício, uma fachada apagada e clareada com cal. Ela era reta e relativamente larga, podendo ser percorrida em alguns minutos. Como dei-me conta disso somente naquele momento, de algum modo eu a havia atacado pelas costas. Isso por que, através da extremidade oposta do teatro, ela desembocava sem mistérios em uma rua bastante animada.”³⁰

De repente, a experiência assume os traços de um pesadelo. Ao tentar percorrer a rua, o viajante se sente paralisado, amarrado por pequenos fios invisíveis. A rua em que se encontrava não o deixava partir. A descrição então adquire uma

incrível intensidade. A rua adquire vida. O olhar percorre novamente as fachadas e nelas percebe pessoas que observam o passante; algumas janelas assumem o ar de bocas dentadas; a rua desenvolve tentáculos que poderiam atirá-lo em direção aos quartos, situados dentro de tais habitações:

“[...] sobre as fachadas escuras, estavam dispostas, à esquerda e à direita, algumas bandeiras de hotéis que não deixaram de me surpreender; eram bandeiras pretas que tremulavam, iguais àquelas que encontramos normalmente em Paris, contendo inscrita unicamente a palavra ‘hotel’. Apesar de minha liberdade de movimentos estar paralisada, aproximei-me de um de tais estabelecimentos. A porta estava trancada; suas janelas, atrás das quais a maior parte das cortinas estavam faltando, pareciam bocas dentadas. [...] Na medida em que meu olhar deslizou desta fachada em direção às seguintes, tive de súbito a consciência de estar sendo observado: nas janelas do primeiro andar, dentro de diversas casas, garotos com mangas de camisa e mulheres vestidas de maneira negligente me olhavam. Não diziam uma palavra, limitavam-se a fitar-me. Uma força terrível emanava de sua simples presença, e eu dava por certo terem sido eles a causa da minha prisão naquele local. Pela maneira como se postavam, mudos e imóveis, pareciam para mim uma emanção das próprias casas. A qualquer momento eles poderiam ter estendido em minha direção seus tentáculos, puxando-me para o interior dos quartos. [...] Como um nadador que luta contra a corrente, eu tentava chegar à entrada da rua, ao preço de um cansaço desesperado.”³¹

No final do devaneio, tudo se acalma. Ocorre um fato não mais perceptível nas movimentadas ruas de uma grande metrópole: um grupo de crianças, depois de sair da escola, percorre a rua em direção ao viajante. Tudo como se, depois de um pesadelo construído por meio de uma descrição onírica, fosse possível uma espécie de re-apropriação humana da cidade.

“A espécie de charme, no qual me mantinha com minhas dúvidas, foi rompido por um bando de crianças que saiu de uma casa de tijolos vermelhos, situada na rua passante. O horário escolar estava terminado. Eram crianças cheias de felicidade que brotavam daquela horrível fachada de tijolos. Uma parte delas dispersou-se em minha direção. Elas conversavam, gritavam e, o que me chamou a atenção, dominaram a rua sem hesitação. Aliviado, juntei-me a elas. Ali, onde cintilava sua inocência, nenhuma maldade poderia acontecer, e de fato eu caminhava a seu lado com tamanha segurança, como se estivesse circundado por uma nuvem protetora.”³²

Como vimos em “Lembrança de uma rua de Paris”, a rua aparece de duas formas diferentes. No início, trata-se de uma aparição objetiva, tomada enquanto

espaço urbano físico. Ao longo do texto, assume novos traços, permeados pela memória, pela invenção e pelo onírico. Por meio de um sonho acontecido de supetão, o espaço da rua se transforma, levando também a uma viagem no tempo. Tal deslocamento temporal é experimentado por aquele que observa. Para o viajante, cada rua tem seu próprio perfume e sua própria história. Kracauer propõe, para o caso de Paris, a possibilidade de um presente clareado pelo reflexo do passado. Segundo o arquiteto e sociólogo alemão, “No momento em que caminhamos por ruas vivas, elas já estão tão distantes quanto as lembranças, onde a realidade se mistura com o sonho, que se constitui como a imagem ondulante daquela, e onde se cruzam dejetos e constelações.”³³

Chegamos, por fim, à terceira modalidade de abordagem da cidade presente no capítulo “Ruas” de *Ruas em Berlim e em outros lugares*. Nos textos “Magia das feiras de Natal”, “Uma locomotiva sobre a Friedrichstrasse” e “Montanhas russas”, Kracauer utiliza novamente o artifício literário aqui descrito. Agora, entretanto, são abordados espaços ou eventos relacionados à diversão das massas urbanas. O recurso às metáforas e à criação de rupturas oníricas é amenizado. Kracauer constrói uma abordagem atenta às luzes e aos movimentos da metrópole. Berlim é tomada como uma superfície cintilante, cuja descrição enfatiza movimentos nocivos à memória ou relacionados ao fetiche das mercadorias.

Em “Magia das feiras de Natal”, Kracauer descreve as pessoas e objetos de uma grande feira, realizada antes do período natalino, em uma cidade próxima à floresta. De acordo com o sociólogo, tais eventos são formados por forasteiros e desempregados, que vendem uma infinidade de objetos inúteis, para uma imensa massa de consumidores. A feira é descrita como uma grande cidade, composta por movimentos. Uma variedade infernal de objetos se oferece ao prazer dos sentidos. “Tudo se agita, tudo se meche, gritam os vendedores.”³⁴ O gato levanta a pata; o asno meche a língua e a cauda; o rato desliza pelo solo. São vendidos muitos produtos em miniatura; como, por exemplo, uma corrida de cavalos que pode acontecer sobre um pequeno guardanapo. O planeta terra assume o aspecto de um pião em forma de globo. “Um golpe é o suficiente para provocar uma rotação tão rápida que todas as leis da astronomia são rompidas.”³⁵

Artigos supérfluos, tais como sabonetes, gravatas, objetos de perfumaria, cachecóis e outras mercadorias, tornam-se importantes, “julgam-se superiores a toda esta vizinhança marcada pelo selo da inutilidade.”³⁶ Tais objetos reclamam uma atenção séria, mas levam a mesma existência vagabunda que o resto dos objetos e

dos vendedores que se aventuram nesta feira de Natal. Neste texto, Kracauer leva à frente uma espécie de Sociologia de superfície, baseada na descrição dos ambientes físicos e humanos, mas que possui entre seus recursos a criação de imagens. Através da sutileza da descrição, os objetos de tal feira adquirem vida, manifestam desejos, assumem até um posicionamento social, próximo aquele dos vagabundos. Alguns dos objetos tomam a forma de fantasmas que, sem nome e sem face, circulam pela feira de natal.

Os movimentos dos trens, os ambientes das estações, bem como a sensação de velocidade experimentada pelos passageiros, são figuras importantes nos escritos de Kracauer sobre Berlim. Um de seus textos descreve o movimento de uma locomotiva que chega na Friedrichstrasse. Nesta rua, encontra-se uma importante estação de trem, um dos marcos da modernidade em Berlim, inaugurada em 1878. Em “Uma locomotiva sobre a Friedrichstrasse”, o sociólogo explora a percepção da cidade experimentada pelos próprios transeuntes de Berlim e, depois, por um estrangeiro que chega de trem. Para multidão de berlinenses, os movimentos da locomotiva aparecem apenas como um dos incontáveis estímulos provenientes da Friedrichstrasse. Ninguém olha para a locomotiva. Kracauer descreve os movimentos do trem tomados em meio à efervescência da Friedrichstrasse:

“A saída da locomotiva não é diferente. Com seu corpo estendido, instalado nos ares, suas barras brilhantes e suas numerosas rodas pintadas de vermelho, ela não deixa de oferecer um maravilhoso golpe de vista; ela espera, abandonada, sobrepondo-se à confusão dos automóveis e dos homens que corre pela passagem subterrânea.”³⁷

A descrição feita por Kracauer explora, então, a sensação de um viajante que chega de trem. Qual o espetáculo oferecido a ele? Antes de tudo, a escrita contribui para nos aproximar da percepção tátil, experimentada pelo viajante ao longo da viagem de trem. O trajeto ao ar livre não deixa de vibrar dentro do estrangeiro: “as vias férreas que se precipitam sobre ele, os sinaleiros, as pequenas casinhas responsáveis pelas mudanças de nível na ferrovia, as florestas, os campos [...], as cidades, as paradas.”³⁸. A descrição explora as velocidades e a sobreposição de imagens, traços típicos da percepção do viajante: para ele, além da presença do céu e da terra, nada permanece. “E sempre essas massas negras que crescem muito rápido e, depois, desaparecem rapidamente.”³⁹

Com os olhos acostumados com os movimentos e com a penumbra, o viajante não está ainda apto a distinguir os detalhes. Frente à Friedrichstrasse:

“[...] ele reconhece, entretanto, a confusão que dilata o estreito desfile das casas; ele absorve o reflexo das luzes, sendo este mais vermelho do que as rodas da locomotiva. O reflexo das luzes e a confusão sonora se misturam em uma única festa desenfreada que, como a organização das lâmpadas em um arco, não tem nem começo nem fim.”⁴⁰

As imagens criadas por Kracauer nos remetem ao imaginário e à percepção dos transeuntes e viajantes. Neste caso, a escrita acompanha o acúmulo de imagens, reflexos e velocidades, aproximando-se daquilo que foi considerado por Georg Simmel como a percepção de um indivíduo *blasé*⁴¹. A partir dos textos “Magia das feiras de Natal” e “Uma locomotiva sobre a Friedrichstrasse”, é possível identificar mais uma variação da escrita de Kracauer. A mesma não serve apenas para criar rupturas, conseguidas através da associação entre descrição objetiva e a criação de ambientes oníricos. Kracauer também busca reproduzir estados mentais, próprios à esfera coletiva dos habitantes berlinenses do início do século XX. Há uma declarada preferência pela população pobre. Entre os estratos sociais abordados, encontram-se principalmente aqueles dos excluídos da cidadania, como os vagabundos e os habitantes de subúrbios, mas também há espaço para os viajantes, os transeuntes, os aposentados e os desempregados. Estes últimos, em especial, recebem destaque nos textos reunidos na segunda seção do livro *Ruas em Berlim e em outros lugares*. Há também espaço para uma classe social em emergência, os empregados, que são tema de uma pesquisa mais detida realizada pelo sociólogo alemão⁴².

Nos textos da segunda seção do livro, denominada “Lugares”, a oscilação entre uma descrição objetiva e onírica é amenizada. A mesma é, porém, desenvolvida em outros termos. A descrição da organização física dos espaços e construções continua sendo o ponto de partida. Ganha corpo uma abstração dos modelos de conduta e de motivação próprios à classe social dos desempregados. É a partir da descrição física que Kracauer determina o comportamento e como são tratados os desempregados em lugares como a Agência de Empregos, as Salas Aquecidas e os cinemas na avenida Münztrasse. É a partir da descrição física que Kracauer chegará à idéia de que os desempregados são tratados como massa e que buscam em tais lugares um mero calor humano, ou reconhecimento. Segundo Kracauer, o espaço da Agência de Empregos está inscrito na própria realidade. A análise de tal espaço,

porém, permite entrever tudo o que é negado pela consciência, ou omitido enquanto parte constituinte de sua construção. Trata-se de uma análise que será feita a partir de imagens. “As imagens espaciais são os sonhos da sociedade. Cada vez que o segredo de uma imagem deste tipo é desvendado, encontra-se também ali explícito o próprio fundamento da realidade social.”⁴³

Para concluir, é interessante questionar a função de tal procedimento literário em *Ruas em Berlim e em outros lugares*. Seu uso está concentrado na primeira seção, “Lugares”, aparecendo de maneira mais rarefeita nas três seções seguintes.

Tal procedimento aproxima-se da memória topográfica, explicitada por Walter Benjamin em *Infância em Berlim*⁴⁴. Neste livro, há a construção de um mapa, no qual a história, a biografia e a mitologia constituem o fio de um mesmo tecido. Se no caso do trabalho de Benjamin a configuração de tal mapa envolve os embates entre as impressões do adulto e da criança, em Kracauer ocorre algo diferente. Os ensaios presentes em *Ruas em Berlim e em outros lugares* são autobiográficos apenas na medida em que resultam, algumas das vezes, de viagens realizadas pelo próprio Kracauer. Ambos, entretanto, parecem operar em termos de uma memória topográfica. Nos dois casos, o objetivo mais amplo parece ser o mapeamento do imaginário, próprio a determinadas classes sociais, durante a modernidade. Em Benjamin, trata-se do imaginário da burguesia; em Kracauer, são contemplados extratos sociais contemporâneos ao surgimento das massas como fenômeno urbano, passando pelos empregados, os desempregados e os indivíduos que foram totalmente rejeitados pelo mercado de trabalho.

No caso dos textos sobre Paris, o dispositivo aqui examinado contribui para a articulação da memória. Assim, Kracauer parece construir um tipo de lembrança, que tem como ponto de partida o próprio espaço físico da cidade. O espaço urbano serve como impulso exterior para a atuação da memória e da construção de experiências por meio da escrita. Vale a pena lembrar que o procedimento permite diferenciar textos sobre Paris daqueles sobre Berlim. Nos textos acerca da cidade alemã, as criações de ambientes oníricos contribuem para destacar a velocidade e os tipos de choque impostos à percepção. Permite a construção de imagens, que revelam a desordem das luzes noturnas da cidade, a velocidade das paisagens percebidas por passageiros de trens e montanhas-russas, bem como os ecos de períodos históricos passados, suprimidos por uma arquitetura dominada por neons. A partir das sugestões de Raulet⁴⁵, é possível pensar no diálogo entre as escritas de Kracauer, Benjamin e Bloch em termos de uma sócio-mitologia da cidade. Trata-se de uma escrita atenta à

mitologia, consolidada a partir da transformação da percepção dos habitantes da metrópole moderna. A dupla Paris-Berlim, dois dos principais locais da modernização européia, configura o horizonte da referida mitologia. Tais cidades espelham, cada uma a seu modo, a ofensiva das forças produtivas e a transformação do mundo vivido. Nessas duas capitais, a intensidade das transformações modernas era diferente. Em Paris, uma cidade menor, a tradição permite a transmissão de um patrimônio herdado. Em Berlim, a destruição já havia cumprido a sua obra mesmo antes da guerra, impedindo qualquer fidelidade frente à imagem do passado. Nesse sentido, a capital francesa é um ponto de referência para pensar em Berlim. Segundo Raulet: “Paris é o idílio pré-moderno, a partir do qual se tenta medir o desafio, para os sentidos e para a compreensão, representado pela Berlim moderna.”⁴⁶

Recebido em 18/10/2010

Aprovado em 3/11/2010

NOTAS E REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

¹ Este artigo é um dos resultados do curso “Kracauer como ensayista”, ministrado por Carlos Eduardo Jordão Machado, no Departamento de Pós-Graduação em Letras da UBA - Universidade de Buenos Aires, em maio de 2006.

² KRACAUER, Siegfried. *Jacques Offenbach und das Paris seiner Zeit*. Amsterdam: A. de Lange, 1937.

³ KRACAUER, Siegfried. *Rues de Berlin et d'ailleurs*. Paris: Ed. Gallimard, 1995.

⁴ MACHADO, Carlos Eduardo Jordão. A crítica (materialista) do mundo (descontínuo) das coisas – micrologias. *Cadernos CEDEM*, ano 1, n. 1, p.37-48, Jan. 2008.

⁵ BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

⁶ BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2006.

⁷ MACHADO, Carlos Eduardo Jordão. A crítica (materialista) do mundo (descontínuo) das coisas – micrologias. *Cadernos CEDEM*, ano 1, n. 1, Jan. 2008, p. 40.

⁸ BLOCH, E. *Spuren*. Frankfurt aM: Suhrkamp, 1985.

⁹ Idem. *Ibidem*. p.37-48.

¹⁰ Idem. *Ibidem*. p.44.

¹¹ RAULET, Gérard. Socio-mythologie de la ville In: PERIVOLAROPOULOU, Nia; DESPOIX, Philippe (Org.). *Culture de masse et modernité*. Paris: Ed. de la Maison des Sciences de l'Homme, 2001, pp. 146-161.

¹² DESPOIX, Philippe. La miniatures urbaine comme genre. In: PERIVOLAROPOULOU, Nia; DESPOIX, Philippe (Org.). *Culture de masse et modernité*. Paris: Ed. de la Maison des Sciences de l'Homme, 2001, pp. 162-177.

¹³ MACHADO, Carlos Eduardo Jordão. La crítica de Siegfried Kracauer a la novela reportaje o ‘el caso Brecht’. In.: MACHADO, C.E.J.; VEDDA, M.; VERNIK, E. Org. *Siegfried Kracauer: un pensador más allá de las fronteras*. Buenos Aires: Gorla, 2010, pp.149-170.

¹⁴ REEH, Henrik. *Ornaments of the metropolis: Siegfried Kracauer and modern urban culture*. Cumberland, Rhode Island, U.S.A: MIT Press, 2006. p.144.

-
- ¹⁵ KRACAUER, Siegfried. *Rues de Berlin et d'ailleurs*. Paris: Ed. Gallimard, 1995. p.59-61.
- ¹⁶ Idem. Ibidem. p.59-60;
- ¹⁷ Idem. Ibidem. p. 61.
- ¹⁸ Idem. Ibidem. p. 61.
- ¹⁹ Idem. Ibidem. p. 61.
- ²⁰ Idem. Ibidem. p. 61.
- ²¹ Idem. Ibidem. p.36-46.
- ²² Alguns dos ensaios de *Ruas em Berlim e em outros lugares* foram publicados por Kracauer também no livro *O Ornamento da Massa*, em 1963. A tradução de “Passagem das Tílias” aqui utilizada corresponde àquela de KRACAUER, Siegfried. *O Ornamento da Massa: ensaios*. Tradução Carlos Eduardo Jordão Machado e Marlene Holzhausen. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- ²³ Cf. GEIST, J. F. *Passagen. Ein Bautyp des 19. Jahrhunderts*. Munique: Prestel, 1979, p.132-145.
- ²⁴ KRACAUER, Siegfried. *Rues de Berlin et d'ailleurs*. Paris: Ed. Gallimard, 1995. p.36-37.
- ²⁵ Idem. Ibidem. p. 37.
- ²⁶ Idem. Ibidem. p.13-19.
- ²⁷ Idem. Ibidem. p.13.
- ²⁸ Idem. Ibidem. p.14.
- ²⁹ Idem. Ibidem. p.14.
- ³⁰ Idem. Ibidem. p.15.
- ³¹ Idem. Ibidem. p.16.
- ³² Idem. Ibidem. p.18.
- ³³ Idem. Ibidem. p.19.
- ³⁴ Idem. Ibidem. p.45.
- ³⁵ Idem. Ibidem. p.45.
- ³⁶ Idem. Ibidem. p.45.
- ³⁷ Idem. Ibidem. p.48.
- ³⁸ Idem. Ibidem. p.49.
- ³⁹ Idem. Ibidem. p.49.
- ⁴⁰ Idem. Ibidem. p.49.
- ⁴¹ Cf. SIMMEL, Georg. A Metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. *O fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- ⁴² Em 1930, Kracauer lança *Os Empregados (Die Angestellten)*, um conjunto de artigos originalmente publicados no periódico *Frankfurter Zeitung*.
- ⁴³ KRACAUER, Siegfried. *Rues de Berlin et d'ailleurs*. Paris: Ed. Gallimard, 1995. p.79.
- ⁴⁴ BENJAMIN, W. Infância em Berlim por volta de 1900. In: _____. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 71-142.
- ⁴⁵ RAULET, Gérard. Socio-mythologie de la ville In: PERIVOLAROPOULOU, Nia; DESPOIX, Philippe (Org.). *Culture de masse et modernité*. Paris: Ed. de la Maison des Sciences de l'Homme, 2001, p. 146-161.
- ⁴⁶ Idem. Ibidem. p.150.